

PROCESSO MIGRATÓRIO E A CIRCULAÇÃO DE SABERES ENTRE ITÁLIA E BRASIL AO FINAL DO SÉCULO XIX E PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

THE MIGRATORY PROCESS AND THE CIRCULATION OF KNOWLEDGE BETWEEN ITALY AND BRAZIL AT THE END OF THE 19TH CENTURY AND THE FIRST DECADES OF THE 20TH CENTURY

Terciane Ângela Luchese*

124

RESUMO: O artigo tem o objetivo de analisar as relações entre o processo migratório de pessoas saídas da península itálica e que aportaram no Brasil entre as últimas décadas do século XIX e início do XX, pensando na circulação de saberes em duas dimensões principais - os professores e os livros escolares. Numa perspectiva transnacional, o contexto italiano e o brasileiro são conectados, com especial atenção para o Espírito Santo. Metodologicamente procedeu-se com a análise documental histórica de anuários, fotografias, correspondências e jornais cotejados com as categorias de migrações, circulação, escolarização e transnacional. Conclui-se que a presença de professores italianos que imigraram com formação somado ao envio de levas sucessivas de livros, mesmo que em quantidade menor do que o necessário, viabilizou a manutenção de práticas de ensinar e aprender a ler, a escrever e a contar, minimamente, produzindo singularidades na história da escola em terras brasileiras.

Palavras-chave: História da Educação. Processos migratórios. Imigração italiana. Escola. Transnacional.

ABSTRACT: The article aims to analyze the relationship between the migratory process of people leaving the Italian peninsula and arriving in Brazil between the last decades of the 19th century and the beginning of the 20th century, thinking about the circulation of knowledge in two main dimensions - teachers and school books. From a transnational perspective, the Italian and Brazilian contexts are connected, with special attention to Espírito Santo. Methodologically, a historical documentary analysis of yearbooks, photographs, correspondence and newspapers was carried out in conjunction with the categories of migration, circulation, schooling and transnationalism. The conclusion is that the presence of Italian teachers who immigrated with qualifications, together with the sending of successive

* Professora da Universidade de Caxias do Sul, atua na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em História e no de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado e Doutorado. É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. taluches@ucs.br
Contexto (ISSN 2358-9566) <https://doi.org/10.47456/contexto.v2i46.47510>
Vitória, v. 2, n. 46, 2024

shipments of books, albeit in smaller quantities than necessary, made it possible to maintain practices of teaching and learning to read, write and count, minimally, producing singularities in the history of schooling in Brazil.

Keywords: History of Education. Migratory processes. Italian immigration. Schools. Transnational.

Considerações Iniciais

A segunda metade do século XIX demarca um período de afirmação do capitalismo com um crescimento econômico baseado na industrialização e nas profundas transformações técnicas e tecnológicas. As transformações materiais com o motor elétrico e a vapor reverberam no avanço dos meios de transporte com ferrovias e navios a vapor, com a diminuição do tempo para viagens de pessoas e produtos. O telégrafo elétrico, como exemplo, repercutiu na ampliação das redes de comunicação. O conhecimento quase global do planeta associado ao avanço das ciências e das artes, bem como a ampliação de saberes técnicos demarcou alterações nos processos educativos e de socialização. Aumento populacional e ampliação das cidades são marcadores também presentes. Por outro lado, as profundas mudanças produtivas e tecnológicas ampliaram as desigualdades entre países e territórios. Nacionalismos, disputas por domínios coloniais e imperialistas, industrialização e mudanças no mundo do trabalho são pontos a considerar na configuração, em especial, da cultura ocidental ao final do século XIX (Hobsbawm, 2015). Nesse contexto, emergem as unificações tardias de países como a Itália e a Alemanha. Também, os deslocamentos de pessoas numa emigração em massa que reconfigurou a distribuição populacional no mundo.

Considerando tal contexto histórico como pano de fundo, o presente texto tem o objetivo de analisar as relações entre o processo migratório de pessoas saídas da península itálica e que aportaram no Brasil entre as últimas décadas do século XIX e início do XX, pensando a circulação de saberes em dois aspectos principais - os professores e os livros escolares. Numa perspectiva transnacional, conecto o contexto italiano e o brasileiro, com especial

atenção para a unidade federativa do Espírito Santo. A migração de professores da Itália para o Brasil ocorreu, mas em um número relativamente pequeno de docentes. A maioria dos que vieram a atuar seja em escolas italianas ou públicas ou em outras instâncias educativas, se constituíram docentes por oportunidades e/ou escolhas possíveis em terras brasileiras. A atenção transnacional ao objeto - professores que imigraram ou imigrantes que assumiram a função da docência na terra de acolhida - viveram em condições híbridas, produziram transferências culturais (Espagne, 2017) ou seja, uma dinâmica de ressemantização da cultura vivida na Itália para as novas experiências no Brasil. Na bagagem desses professores, uma diversidade de práticas culturais foi transportada e confrontada com os diversos modos de viver nos locais em que se estabeleceram. De modo distinto, mas com sentido transnacional, os livros impressos na Itália e enviados para o Brasil, ganharam sentido e constituíram importante material para a uso cotidiano nas escolas.

126

Metodologicamente procedeu-se com a análise documental histórica de anuários, fotografias, correspondências e jornais cotejados com as categorias de migrações, circulação, escolarização e transnacional. Os documentos são entendidos como “formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências ou de realidades” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 25) com os quais o historiador perscruta e narra o passado. Num tempo pretérito que é “movediço, sinuoso, tortuoso e corrosivo” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 15) deseja-se que as experiências humanas - ordenadas - possam ser narradas buscando recompô-las, mesmo que sem inteireza.

As grandes migrações do último quartel do século XIX se inserem num quadro de transformações derivadas da afirmação do capitalismo, da industrialização e urbanização. Pelas migrações promoveu-se mais do que mudanças demográficas, afirmou-se um processo de circulação de saberes, pessoas, ideias e materiais, entre Itália e Brasil, o que provoca para pensar a perspectiva transnacional. Não se trata de abandonar a dimensão local ou as fronteiras nacionais na análise, mas de entrecruzar, conectar os acontecimentos entre o que ocorria na Itália e no Brasil. Não se trata de algo

simples, pois como indicaram Lawn e Rabelo (2014) há dificuldade de superar a visão nacional, pois está ligada à condição de ‘nacionalismo metodológico’ que acompanhou o trabalho de pesquisadores das ciências sociais. Relações, trocas e conexões ocorreram entre Itália e Brasil e para compreendê-las é preciso interligar os contextos com variação de escala que permita perceber a “diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados” (Chartier, 1991, p. 177).

A seguir, as condições de escolarização que se configuraram a partir da presença de professores e envio de livros escolares, colocando em conexão Itália e Brasil entre o final do século XIX e o raiar do XX.

As escolas e a circulação de saberes: entre professores e livros italianos

Os processos migratórios intensificaram-se no último quartel do século XIX não apenas tendo o Brasil como destino, mas a América de um modo geral. Atraídos por promessas de uma vida melhor, o sonho de fazer a América se tornou uma realidade para os milhares de italianos que, até 1914, em especial, partiram em direção ao continente americano sendo Estados Unidos, Argentina e Brasil os mais importantes países de acolhimento. No contexto brasileiro, a possibilidade de aquisição de terras em áreas coloniais, o trabalho em áreas urbanas e, para um número bem expressivo de imigrantes, o labor nas fazendas foram destinos que atraíram.

No caso específico do Espírito Santo, a experiência de colonização de áreas interioranas, nas primeiras décadas do século XIX iniciou “com a introdução de famílias camponesas da Europa, quando foi criada a Colônia Agrícola de Santo Agostinho, atual cidade de Viana e arredores, para onde foram destinados 250 imigrantes das ilhas açorianas” (Franceschetto, 2014, p. 56). Nos anos seguintes, os projetos de colonização foram acrescidos quando em 1847 ocorreu a “criação da Colônia Imperial de Santa Isabel, demarcada às margens da Estrada do Rubim e do rio Jucu” (Franceschetto, 2014, p. 56) para onde foram direcionados imigrantes alemães. A chegada de imigrantes, ainda em número reduzido e a constituição de novas colônias prosseguiu nas

décadas seguintes. Mas em fevereiro de 1874, “tem início o grande êxodo dos italianos para o Brasil, inaugurado pela Expedição Tabacchi, uma iniciativa particular que trouxe ao Espírito Santo 388 camponeses (dentre os quais um padre e um médico) trentinos e vênnetos” (Franceschetto, 2014, p. 57). Tal iniciativa foi seguida por outras e o processo de ocupação territorial com a presença italiana ganhou forma e sentido no Espírito Santo, como sinalizam as obras de Grosselli (2008), Dadalto (2009) e Fransceschetto (2014). Na figura 1, imagens de áreas coloniais do Espírito Santo:

Figura 1 - Áreas coloniais Espírito Santo (1869-1878)



Fonte: Fotografia Dietze, Albert Richard, fl. 1869 ([1869-1878]) [Colônias de imigrantes europeus], [1869-1878]. Brasil, Domingos Martins (ES), Colônia do Rio Novo (ES), Santa Leopoldina (ES), Biblioteca Nacional.

No processo de migrar é importante reconhecer que as pessoas carregam, para além de seus parques pertences, um conjunto de saberes e experiências constituídas na pátria de origem e que se confrontam com a de destino. Nas mestiçagens e hibridizações entre o lá e o cá, a questão do conhecimento, dos

saberes é fundante. Como no Espírito Santo em 1874 aportam quase quatro centenas de imigrantes provenientes da região trentina, faz sentido destacar, como escreveu Grosselli (2009) que eram imigrados que tinham tido uma experiência, na maioria dos casos, de escolarização. Em suas palavras:

Inserido no Império austro-húngaro, o Trentino estava sujeito a uma legislação escolástica dentre as mais avançadas da época. O recenseamento de 1880 estabelecia o número de analfabetos na região com mais de seis anos de idade em 50.050, em uma população de 351.689. O percentual de analfabetismo era, portanto, de 14% do total da população (percentual que entretanto aumenta se se excluem do total da população a faixa de menores de seis anos de idade).¹⁰³ Ainda de acordo com os dados daquele recenseamento, o percentual de analfabetismo entre os indivíduos de sexo masculino era de 12%, entre os de sexo feminino era de pouco mais de 16% (note-se que o dado refere-se a toda a população e não apenas àquela em idade escolar) (Grosselli, p. 95).

De outro lado, quanto ao local de estabelecimento e com relação à escola pública no Espírito Santo, a pesquisa de Grosselli identificou que

Em 1875, havia 82 escolas primárias públicas, das quais apenas 53 tinham professor, além de 21 escolas primárias particulares. Ao todo, eram frequentadas por 1.766 alunos. Nas colônias de Santa Leopoldina e de Rio Novo haviam sido inauguradas duas escolas de língua alemã, frequentadas por 274 alunos (Grosselli, 2008, p. 136).

Ou seja, a discrepância entre as condições escolares foi marcante. Grosselli (2008) reconhece que na capital, Vitória, as condições eram melhores que aquelas das áreas interioranas. E, de certo modo, tais condições podem ser identificadas em outros locais do Brasil. O mesmo autor destaca que “Assim que entraram na colônia, os trentinos pediram para usufruir dos serviços de um professor para a escola dos filhos. Como em outras províncias do Brasil, demonstraram a importância que para eles tinha a instrução” (Grosselli, 2008, p. 227). Os pedidos por abertura de escola, envio de abaixo-assinados e correspondências foi frequente, inclusive no Rio Grande do Sul, como atesta o estudo de Luchese (2015).

Para Grosselli (2008) os avós eram alfabetizados, os filhos sabiam ler e escrever e os netos cresceram analfabetos. Os dados escolares e os esforços pela abertura de escolas existiram e se não foram suficientes para constituir uma rede de escolas estáveis, ao menos subsidiaram as crianças e os jovens

com conhecimentos básicos. Assim, a organização de escolas no Espírito Santo mobilizou iniciativas diferenciadas, como nas demais unidades federativas em que os imigrantes aportaram. Em 1906, conforme o *Annuario delle Scuole Italiane All’Estero*, as escolas estavam localizadas em “Alfredo Chaves (ex Comarca) - Scuola Dei Missionari Colombini; Carolina (Alfredo Chaves) - Scuola Della Società di Mutuo Socorso Vittorio Emanuele III; Villa Collatina - Scuola Regina Elena e Villa Collatina - Scuola Umberto I” (Ministero, 1906, p. 6).

A presença e a atuação da rede consular italiana não podem ser desconsideradas quando se trata da abertura e manutenção de escolas, mesmo que precariamente e com instabilidades. Por exemplo, “o Cônsul Beverini fundou, em 1907, 14 pequenas escolas em zonas habitadas por italianos e outras 16 foram fundadas em seguida, até 1915” (Grosselli, 2008, p. 404). Na figura a seguir, um registro de 1910 de uma escola italiana em Colatina:

130

Figura 2 - Escola da comunidade italiana de Córrego da Ponte, Colatina (ES), 1910



Fonte: Froemmig, 1910, acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (JM 304) retirado de Fransceschetto, 2014, p.12.

Contexto (ISSN 2358-9566)

<https://doi.org/10.47456/contexto.v2i46.47510>

Vitória, v. 2, n. 46, 2024

Em 1910 o número de escolas havia crescido e conforme o Anuario daquele ano e os dados apresentados no quadro 1, no Espírito Santo já se contabilizam 22 escolas:

Quadro 1 - Escolas Italianas no Espírito Santo em 1910

Local	Nome da escola	Estudantes	
		Meninos	Meninas
Batatal (Mun. di Alfredo Chaves)	Scuola Elementare italiana Príncipe Umberto	27	20
Baunilha (Mun. di Collatina)	Scuola Regina Margherita	38	40
Carolina (Mun. Di A. Chaves)	Scuola Vittorio Emanuele III	38	30
Demétrio Ribeiro (Mun. di Pau Gigante)	Scuola Elementare Mista Regina Margherita	20	22
Ita Kuruby (Mun. di A. Chaves)	Scuola Italiana	15	12
Lage (Mun. di Collatina)	Scuola Italiana	28	20
Limoeiro (Mun. di Alfonso Claudio)	Scuola Italiana	20	16
Monte Secco (Mun. di Pan Gigante)	Scuola Guglielmo Marconi	20	16
Mutum (Mun. di Collatina)	Scuola Italiana Mista	16	24
Nova Lombardia (Mun. di Santa Thereza)	Scuola Italiana	12	12
San Rocco (Mun. di Santa Thereza)	Scuola Santa Lucia	19	21
Sant'Andrea di Iiritimirim (Mun. di A. Chaves)	Scuola Principe di Piemonte	27	14
San Anselmo (Mun. di Santa Thereza)	Scuola coloniale italiana	27	18
San Giuseppe di Iiritimirim (Mun. di A. Chaves)	Scuola Principe di Piemonte	20	22
San Martinho di Iiritimirim (Mun. di A. Chaves)	Scuola Elementare Principessa Iolanda	30	23
Santa Catherina (Mun. di Collatina)	Scuola Italiana	30	19
Santa Maria di Collatina (Mun. di Santa Thereza)	Scuola Umberto I	30	22
Sant' José (Mun. di Collatina)	Scuola Duca Degli Abruzzi	30	27
San Zenone (Mun. di Collatina)	Scuola Regina Elena	36	12
Val Virginia	Scuola di G. Carducci	20	17
Villa di Santa Thereza	Scuola Rita Beverini - Macchiavelli	93	-
Villanova di Iiritimirim (Mun. di A. Chaves)	Scuola Elementare Mista Principessa Mafalda	20	30

Fonte: organização da autora a partir de Ministero, 1910, p. 12 e 13.

Pelo quadro é possível identificar a localização da escola e algumas de suas características - se atendendo apenas meninos, meninas ou mista (ambos os sexos), além do número de estudantes que estavam matriculados. O total de 5.805 estudantes frequentavam as escolas italianas informadas no Annuario de 1910 no Espírito Santo. Chamo atenção também aos nomes das escolas que homenageavam lugares, membros da família real italiana ou intelectuais/inventores caso de Marconi e Carducci¹.

A fundação da Sociedade de Mútuo Socorro e Instrução Principe de Piemonte em Demétrio Ribeiro, no município de Pau Gigante (hoje, Ibirajú) aconteceu em 1907 e com a sociedade foi organizada a escola elementar, mista e denominada Regina Margherita. Em nota, foi publicada a comemoração do terceiro ano de fundação da sociedade, coincidindo com a aplicação dos exames finais que contavam com a presença do cônsul e outras autoridades locais. Chamo atenção que os mesmos aconteciam em março, a exemplo do que ocorria na península. A seguir a reprodução da notícia na íntegra:

132

Figura 2 - Notícia comemoração terceiro aniversário da Sociedade Italiana Principe de Piemonte, 1910

A 19 do corrente, em Demétrio Ribeiro, município de Pau Gigante, comemorar-se-á festivamente o 3º aniversário da fundação da sociedade italiana de instrução e mutuo socorro Principe de Piemonte, para a qual já foram expedidos muitos convites.

Os festejos obedecerão ao seguinte programma: na vespera, com a presença do sr. consul da Italia e das autoridades locais, se effectuarão os exames da escola Regina Margherita.

No dia 19, ao som do hymno e da marcha real italiana, será inaugurada a bandeira social e approvados os estatutos. No dia 20, no cemiterio da villa de Pau Gigante será collocada sobre a sepultura do consocio fallecido Theodolindo Brotto uma lapide commemorativa, para o que o cortejo tomará passagem no trem do horario, na estação de João Neiva, regressando no primeiro comboio.

O sr. Luiz Zaganelli, presidente da associação, pede, por nosso intermedio, o comparecimento ás festas de todos os convidados, a fim de que as mesmas tenham o maior realce.

Fonte: Jornal Diário da Manhã, 17/03/1910, p. 5.

¹ Giosuè Carducci foi o primeiro italiano a receber o Nobel de Literatura em 1906.

Nas edições seguintes o jornal estampava como as comemorações tinham ocorrido, destacando a inauguração da bandeira da sociedade, apresentação da banda e a realização dos exames escolares. A professora, Thereza(Theresita) Borini Farina² foi caracterizada como zelosa e competente e os estudantes com bom grau de adiantamento. Representando o consulado, o professor Luigi Petrocchi esteve presente nos dias de festejo e em vários momentos pronunciou-se.

Como analisado em estudos anteriores³ a iniciativa das associações de mútuo socorro na criação e manutenção de escolas, bem como as escolas italianas criadas em áreas rurais que tinham como professor “algum colono mais instruído do lugar” foram recorrentes no Brasil. A forma mais comum de manutenção do aprender a ler, a escrever, a fazer contas e, claro, em muitos casos também do rezar foi a escolha, dentre o conjunto de famílias de uma comunidade, da pessoa que se dispunha a ensinar. Tornar-se professor pela oportunidade surgida, um docente que se fazia na medida em que vivenciava a experiência de ensinar. Nesse sentido, como menciona Luchese (2015) muitas dessas iniciativas foram efêmeras, perdurando pelo tempo em que se atendia a urgência. De outro lado, no caso das associações de mútuo socorro, a manutenção das escolas foi um pouco mais duradoura.

A constituição da docência com uma formação específica na Itália foi uma exceção. A maioria dos que atuaram como professores o fizeram a partir da oportunidade surgida, da necessidade de alguém assumir a função numa dada comunidade. São recorrentes os casos de professores de escolas italianas que eram imigrantes e que como docentes vivenciaram cursos, se prepararam, alguns inclusive como autodidatas e posteriormente assumiram cargo como professores públicos.

² Conforme registros disponíveis no Arquivo Público do Espírito Santo, Theresa chegou ao Brasil em 31/07/1894 casada com Turibio Farina. Imigrou com o filho Davide que tinha 1 ano na chegada e estavam acompanhados pela cunhada, Francesca Farina, que tinha 14 anos. Provenientes de Pieve de Coriano, Mantova, na Lombardia, aportaram no Porto de Santa Cruz. Ver mais em: <https://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx>

³ Ver em Luchese (2011, 2014, 2015, 2018), Luchese, Barausse, Sani e Ascenzi (2021) e Barausse e Luchese (2017, 2018).

Na análise das escolas ditas italianas se identifica instabilidade, provisoriedade, efemeridade de instituições. É importante perceber que entre aqueles que assumiram a função de professores, a maioria foi mestre-escola. O professor foi central para a existência da escola, pois onde estava o professor estava a escola. Mas é certo que as ações docentes estavam para além da escola:

[...] os mais instruídos da comunidade, e essa condição, somada a de serem ‘mestres’, gerava prestígio, respeito e liderança comunitária. Muitos foram os professores que assumiram, dentro do meio social em que viviam, papel central nas questões religiosas, reivindicatórias e de organização, tornando-se representantes daquele grupo, quando não lideranças locais. Essas eram as representações produzidas acerca do ser professor (LUCHESE, 2015, p. 416).

Além de mestre-escola, o docente assumiu diferentes funções sociais na comunidade, participando das celebrações religiosas, sendo porta-voz das famílias mediante autoridades locais, contribuindo com o catecismo, com a banda ou o coral local, atuando nos jornais locais, enfim, muitos professores e professoras exercem outras funções concomitantes à de ensinar. Na maioria dos casos, se identifica que o tornar-se professor, foi uma função artesanal e por vezes, de improviso. Tornavam-se professores pela prática, pelo autodidatismo.

Para a maioria desses professores a prática de ensinar se fazia pela reprodução do modo como haviam aprendido. Portanto, o ensino era individual, pautado na memorização, enfatizando o que se acreditava como o essencial: a leitura, as principais noções matemáticas e a escrita. Afora algumas noções de história e geografia, noções de civismo e o catecismo, também foram trabalhadas. Outros docentes, com um repertório pedagógico ampliado, propunham práticas pedagógicas diferenciadas. Mas todos esses professores desempenhavam “[...] uma das funções tradicionais do professor, aquela que o configurava como agente espiritual, enquanto docente, e como orientador social, enquanto personalidade modelar no interior da comunidade.” (FERNANDES, 1998, p. 03).

Cabe ainda destacar que alguns professores formados foram enviados pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália, exercendo também a função de

agentes consulares. Foi o caso de Luigi Petrocchi que esteve no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo. Do acervo pessoal de Carlos Petrocchi Vieira, a figura 3 com a patente (diploma) de professor elementar da Escola Normal de Trapani, obtido por Luigi Petrocchi em 1883, aos 17 anos:

Figura 3 - Diploma de professor elementar de grau superior de Luigi Petrocchi em 1883

Mod. 33 F.

Consiglio Scolastico
per le Scuole della Provincia
di *Trapani*

Numero di Registrazione
68

REGNO D'ITALIA

Patente di Maestro Elementare
di Grado *Superiore*

*Al R. Provveditore agli Studi della Provincia
di Trapani*

Visto il Regolamento approvato con R. Decreto 14 Settembre 1883;
Veduto il processo verbale della Commissione esaminatrice della Scuola normale *Superiore*
di *Trapani* in data *18 luglio* dal quale risulta che il Signor *Petrocchi Luigi*
nato in *Trapani* provincia di *Trapani* il di *7* del mese
di *Aprile* dell'anno *1866* ha compiuto gli studi Magistrali e sostenuto felicemente gli esami di
patente elementare di grado *superiore* meritando le note seguenti:

a) Note relative agli Studi fatti.

SCUOLA in cui si fecero gli Studi	PEI PROVENIENTI DA SCUOLA NORMALE GOVERNATIVA O PAREGGIATA			NOTE DI LODE meritate in ciascun anno di studi dal corso		OSSERVAZIONI
	Lingua Francese Scritto Orale	Agraria		preparatorio	normale	
"	"	"	"	1 ^a Cl. "	1 ^a Cl. "	
				2 ^a Cl.	2 ^a Cl.	
				3 ^a Cl.	3 ^a Cl.	

b) Voti meritati negli Esami di patente.

Prove scritte	Prove verbali										Senna compendio dei risultati nelle Prove Scritte ed Orali	Media dei voti nell'attitudine didattica- educativa durante il tirocinio dal		Lezione pratica
	Compendio Italiano	Compendio Francese	Calligrafia	Disegno	Lettere Italiane	Lettere Francese	Storia	Geografia	Matematica	Scienze		1 ^a Anno	2 ^a Anno	
<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	<i>25/10</i>	

Visto la deliberazione del Consiglio Provinciale per le scuole, in data del *luglio 1883*
Visto il certificato di tirocinio e il voto sull'attitudine didattica-educativa, rilasciati dal R. Ispettore Scolastico giusta il
Capo XVIII del Regolamento predetto, modificato con R. Decreto 25 Maggio 1891.
Conferisce al medesimo Signor *Petrocchi Luigi*
la qualità di Maestro elementare di grado *superiore*
Trapani il *19 Settembre* 1883

Il Segretario *Carlo Gennaro*

Il R. Provveditore agli Studi *Al. Lio*

6. D. PARAVIA e C. 1201 (16) 3-100-01. Torino-Roma-Milano-Firenze-Napoli.

Fonte: acervo pessoal de Carlos Petrocchi Vieira.

Muitos dos professores desempenharam, paralelamente, outras funções, como professores e agricultores ou como Giulio Lorenzoni (1975) que de professor passou a exercer outras funções, inclusive a de ajudante do correio, depois agente postal. Professores em transição para outras funções, a maioria, mais bem remunerada. Ainda, aqueles que exerceram a função de professores particulares em suas próprias casas ou aqueles que assumiram a condição de docentes subsidiados pelo governo da Itália ou então, do próprio município ou Estado. Em algumas situações foi possível identificar professores que atuaram como subsidiados e por meio da frequência aos cursos de aperfeiçoamento, adaptaram-se e ingressaram como professores públicos.

Para um olhar ampliado das escolas e sua distribuição em relação às unidades federativas brasileiras, a partir dos dados disponíveis no Ministério das Relações Exteriores, Barausse e Luchese (2017) apresentam o seguinte quadro:

Quadro 2 - Estudantes das Escolas Italianas entre 1890 a 1930 no Brasil

Unidade federativa	Períodos									
	1890 - 1891	1896 - 1897	1904 -1905	1909 -1910	1913 -1914	1921 -1922	1922 -1923	1924 -1925	1927	1930
Bahia	20	-	-	250	-	-	-	-	-	-
Minas Gerais	-	-	-	296	330	307	333	301	267	321
Paraná	-	-	752	596	786	704	1644	708	568	708
Santa Catarina	-	-	1681	1132	2261	1477	3195	2915	1032	2010
Pará	-	-	-	-	-	30	30	30	-	-
Pernambuco	-	-	-	424	424	656	656	656	409	61
Rio Grande do Sul	1468	2250	3213	2492	4310	3199	4628	4085	3315	3686
Rio de Janeiro	50	95	214	411	438	774	1072	901	334	101
São Paulo	515	1200	7275	6724	13307	5642	8248	10626	7012	6934
Espírito Santo	-	-	138	1053	1355	-	-	-	785	0
Mato Grosso	-	-	-	180	201	-	-	-	180	0
TOTAL	2053	3545	13273	13558	23412	12789	19806	20222	13902	13821

Fonte: BARAUSSE e LUCHESE, 2017, p. 449.

Os dados divergem dependendo do documento consultado, mas sua sistematização permite perceber a distribuição no tempo e no espaço das diferentes iniciativas escolares que foram genericamente denominadas escolas italianas. São Paulo e Rio Grande do Sul despontam como os lugares que mais receberam imigrantes e também que tiveram maior número de estudantes em escolas italianas.

O Ministério das Relações Exteriores da Itália responsável pelas escolas italianas no exterior (em áreas coloniais e de emigração) desde 1870 exerceu importante papel de seleção, produção e distribuição de livros escolares e de leitura para diversos países, incluindo o Brasil. Mesmo que o número de livros encaminhado tenha sido menor do que o necessário e/ou demandado, com instabilidade em diferentes períodos, os livros e outros materiais foram extremamente importantes como suportes para o aprender e o ensinar em terras brasileiras. Silabários, livros de leitura, de aritmética, de história e geografia da Itália, assim como obras literárias foram produzidos, encaixotados e encaminhados para o Brasil. Direcionados para os consulados, quando chegavam por via marítima, os livros eram separados e encaminhados para os municípios e áreas coloniais. Os cônsules eram os responsáveis pela distribuição, sendo apoiados, em muitos casos, pelas associações de mútuo socorro. O livro como objeto pode ser pensado em sua materialidade e conteúdo, nos modos como foi produzido e pensado pelo autor, assim como o fazer do editor. Enquanto artefato cultural, o livro foi apropriado no contexto das salas de aula de modos diversos, o que ainda demanda aprofundamento investigativo, afinal “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais e sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria.” (CHARTIER, 2009, p. 20).

Considerações Finais

Conclui-se que a presença de professores italianos que imigraram com formação somado ao envio de levadas sucessivas de livros, mesmo que em quantidade menor do que o necessário, viabilizou a manutenção de práticas

de ensinar e aprender a ler, a escrever e a contar, minimamente, produzindo singularidades na história da escola em terras brasileiras. Na maioria dos casos, aqueles que sabiam um pouco mais, ensinavam, com os materiais que tinham, aquilo que sabiam. Entretanto, nem todos os casos foram assim, pois tivemos os professores que imigraram e possuíam formação e até alguma experiência prévia como docentes.

Nesse movimento entre migrar e atuar na docência é possível perceber as trocas culturais e as necessárias adaptações, criações pedagógicas produzidas no interior das salas de aula, mobilizando inclusive livros. Há, e no limite deste texto não foi possível explorar mais, a presença crescente de mulheres atuando na docência. Muitos professores, em seu fazer, mobilizaram e foram inventivos, criando táticas de implementação de escolarização e de apropriação de saberes, em especial a aprendizagem do português, que a maioria não dominava. No caso do Espírito Santo, o número de escolas ditas italianas, a atuação docente e a distribuição de livros escolares são temas que ainda demandam aprofundamento e maiores estudos.

Os professores e as professoras que migraram foram se constituindo no exercício da docência. A maioria dos docentes eram leigos e se tornaram professores pela necessidade, muitos tendo frequentado poucos anos de escolarização, mas estavam vinculados à comunidade e foram reconhecidos pelo trabalho realizado. Ao longo dos anos, em especial na segunda década do século XX, os municípios passaram a oferecer cursos de aperfeiçoamento e a fazer processos seletivos, mesmo que simplificados para selecionar professores. Em todo caso, é relevante reconhecer que um professor ou professora tornaram possível a escolarização de imigrantes e descendentes e, na maior parte dos casos, transferiram saberes e os hibridizaram, entre o aprendido na Itália e o vivido no Brasil. Destaca-se também a presença de livros escolares provenientes da Itália que foram distribuídos e deram suporte ao aprender e ao ensinar.

Referências

- BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Nationalism and schooling: between italianity and brazilianity. Dispute in education of Italian gaucho people (RS, 1930-1945). In: *History of Education and Childrens' Literature*. Vol. XII, n. 2, 2017, 443-475.
- BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Education, ethnic identity, and memory in the Italian ethnic schools of South Rio Grande (1875-1902). In: *Paedagogica Historica*. Vol. 54, n. 6, 2018, p. 720-735.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, 11, 5, p. 173-191, 1991.
- CHARTIER, Roger. Prefácio. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- DADALTO, Maria Cristina. *A imigração Tece a Cidade - polo industrial de Colatina*. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009.
- ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. *Jangada*. nr. 9, jan/jun. 2017, p. 136 - 147.
- FERNANDES, Rogério. Ofício de professor: o fim e o começo dos paradigmas. In: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Barbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998, pp. 01 - 20.
- FRANCESCHETTO, Cilmar. *Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX*. Organizado por Agostino Lazzaro. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.
- GROSSELLI, Renzo M. *Colônias Imperiais na Terra do Café*. Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- JORNAL Diário da Manhã, órgão oficial. Ano IV, nº 73, Vitória, Espírito Santo, 17/03/1910.
- LAWN, M. e RABELO, S. R. Um Conhecimento Complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Vol. 14, nº 34, 2014, p. 127-144. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38866> acesso em 16/12/24.
- LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Tradução Armida Lorenzoni Parreira. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUCHESE, Terciane Ângela (org.). *História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela e KREUTZ, Lúcio. (org.) *Imigração e Educação no Brasil: histórias, práticas e processos escolares*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela. *Escolarização, culturas e instituições: escolas étnicas italianas em terras brasileiras*. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

LUCHESE, Terciane Ângela. *Processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul (1875 - 1930)*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015.

LUCHESE, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto; SANI, Roberto e ASCENZI, Anna (orgs.). *Migrações e História da Educação*. Saberes, práticas e instituições, um olhar transnacional. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2021.

MINISTERIO DEGLI AFFARI ESTERI. *Annuario delle scuole italiane all'estero*. Governative e Sussidiate. Roma: Tipografia del Ministero Degli Affari Esteri, 1906.

MINISTERIO DEGLI AFFARI ESTERI. *Annuario delle scuole italiane all'estero*. Governative e Sussidiate. Roma: Tipografia del Ministero Degli Affari Esteri, 1910.

TRENTO, Angelo. *So outro lado do Atlântico*. Um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Ed. da UNESP, 2022.